

VERDADE, TRADIÇÃO E RACIONALIDADE EM ALASDAIR MACINTYRE

(Luís Fernando Ferreira Macedo dos Santos (*Iniciação Científica Voluntária*), Helder Buenos Aires de Carvalho (*Orientador - Departamento de Filosofia CCHL/UFPI*)).

Introdução

O problema que a nossa pesquisa pretende levantar é de como é possível trabalharmos com a ideia de verdade como correspondência com o mundo, dentro da ideia de racionalidade existente nas tradições. MacIntyre trabalha com a ideia de uma *telos* que funciona como uma espécie de mola propulsora para o desenvolvimento dentro das tradições, sem a busca pela verdade não se teria a noção de melhoramento no que tange aos enfrentamentos dos problemas morais e epistemológicos enfrentados interna e externamente pelas tradições.

Metodologia

O trabalho tem como base a análise e síntese da obra *The Tasks of philosophy*, uma coletânea de ensaios, organizada e publicada em 2006. É nesses ensaios que MacIntyre em uma fase de plena maturidade do seu pensamento filosófico discute com inúmeros pensadores contemporâneos acerca dos problemas morais e epistemológicos da filosofia. Algo que intensifica ainda mais a sua teoria das virtudes e da racionalidade das tradições, *locus* de nossa discussão, que circunda sobre a concepção de verdade que MacIntyre adota em sua teoria filosófica.

Verdade para MacIntyre não é nenhum tipo de acordo entre grupo de pessoas ou entre comunidades, a verdade está para além do pragmatismo ou do convencionalismo. O que temos dentro das tradições é uma busca racional por encontrar respostas, justificações que sejam racionais e fortes o suficiente a ponto de demonstrar até que ponto as argumentações e explicações tanto sobre moralidade como epistemologia estão equivocados.

Mas para tanto não basta que arbitrariamente defendamos nosso mero ponto de vista, temos que em princípio partimos de algum ponto de vista local que com peculiar habilidade de olhar tanto para o seu interior como para o exterior seja capaz de reavaliar-se, como também reavaliar o ponto de vista rival seja acerca de qualquer que seja a questão em discussão. Ao tratarmos do problema da Verdade, MacIntyre declara que a verdade funciona como um parâmetro ou referencia, para onde devemos ir, e com base nos resultados obtidos visando ela é que obtemos os juízos que nos permitem responder as questões problemas que assolam as tradições.

Sendo assim, até mesmo o nosso trabalho não deixa de ser uma forma de buscar a verdade, já que ao enunciar a possibilidade de existência da Verdade nos comprometemos com ela, MacIntyre, por meio de seus trabalhos, disponibiliza mecanismos de investigações que viabilizam essa busca. E, por isso, sem dúvida, não deixamos de recorrer aos trabalhos iniciais desenvolvidos por ele, trabalhos esses onde encontramos o aporte teórico que sustenta

todo o nosso trabalho, obras como *Depois da Virtude* (2001) e *Justiça de quem? Qual racionalidade?*(1981).

Resultados e Discussão

A ideia de tradição com a qual MacIntyre trabalha oferece uma teoria da verdade que contrapõe ao relativismo. O ele supõe para cada tradição é que cada uma busque ao longo de uma investigação racional o progresso, no sentido de um *telos*. Já que é esse mesmo *telos* que permite que, em uma investigação racional, possamos mensurar se há ou não um desenvolvimento.

Desse modo, temos que esse tipo de investigação local e particular desenvolvido por uma comunidade é uma tentativa de buscar respostas aos seus problemas e questionamentos, por meio de definições não-justificadas. Aqui devemos ter em mente que todas essas indagações realizadas por uma determinada comunidade, que circundam o conhecimento da verdade, devem ser tomadas como o meio pelo qual a comunidade tem, partindo de definições analíticas que requerem um sistema classificatório de atribuições feitas por um sujeito, mediante suas intuições. Pois somente isso lhes garantiria o poder explicativo e capacidade de compreensão frente a alguma teoria rival.

O que acontece nesse ponto é que em virtude de um intermitente desenrolar-se, no qual está imerso toda tradição de pesquisa racional, é que algumas justificações racionais que foram assumidas como características da essência das coisas e, por isso mesmo, como verdadeiras acabam-se evidenciando como falsas¹. Essa situação é o que provoca algumas dúvidas acerca da pretensão de verdade dentro das tradições.

Um relativista poderia queixar-se que dentro das tradições de pesquisa racional cada uma tem seus próprios padrões de raciocínio, suas próprias crenças fundamentais e, desse modo, os únicos padrões disponíveis de racionalidade são propostos por tradições e internamente a elas. Então nenhuma disputa entre tradições rivais é passível de ser decidida racionalmente.

Por conta disso, teremos que tratar da relação entre justificação racional e verdade. Para podermos, inicialmente, justificarmos nossas crenças partindo da ignorância da verdade, já que ela é o *telos* da investigação. Sendo assim, a saída que encontramos para dar o pontapé inicial na investigação é a possibilidade da utilização de argumentos dialéticos, que são usados para refutar as crenças que até o momento são sustentadas dentro de uma comunidade e, diante desse processo de seleção dialética, aqueles argumentos que resistirem às críticas, montarão uma estrutura coerente de crenças básicas, empregadas em forma de afirmação.

No entanto, essa estratégia dialética não permanece durante todo o processo de investigação racional, sendo necessário que reconheçamos que as conclusões dialéticas não são suficientes para conferir o *status* de verdade que requerem as afirmações, já que as conclusões dialéticas estão sempre no âmbito das crenças, diferentemente da verdade. Essas afirmações não podem ser evidenciadas de modo demonstrativas, pois o próprio argumento demonstrativo depende da sua existência.

Em resumo, o que está sendo dito é que os argumentos iniciais de uma investigação se dão a partir da indução e de refutações dialéticas, para, em um segundo momento, respeitando as conclusões obtidas a partir da indução e da dialética, passarem a formular juízos de verdade dentro dessa investigação.

O que o relativista não era ou é capaz de reconhecer é o tipo de racionalidade possuída pelas tradições, e o que contribuiu fortemente para que isso se ocorresse dessa maneira foi a falta de exposições e a falta de defesa dessa racionalidade dentro das tradições de pesquisa racional. O que também nos faz crer que a própria posição levantada por aquele que pretende defender prerrogativas relativistas não pode, de forma consistente, apoiar-se em justificações racionais em relação a algum esquema local, ou seja, a uma perspectiva parcial.

Se o relativista concordar com isso ele terá de assumir que cada ponto de vista moral, ao ser anunciado assume para si a pretensão de verdade universal ou quase universal e que, por hipótese, recorre a afirmações que envolvem justificação racional que transcende as limitações do ponto de vista particular.

A ideia de verdade segundo MacIntyre é a de um realismo metafísico, cuja afirmação é a de que há um sentido da palavra “existir” que é unívoca e inerente ao mundo em si, e que certos enunciados são verdadeiros porque as coisas são assim mesma independente de qualquer perspectiva, implicando que os enunciados correspondem à forma como as coisas são e que a correspondência entre linguagem e mundo é imposta pelo próprio mundo.

Conclusão

Concluimos esse trabalho compreendendo que toda investigação iniciasse aceitando as limitações e restrições de algum tipo de ponto de vista particular, mas por meio da capacidade lógica e de exercício imaginativo em filosofia e reflexão moral – embora nem sempre, mas em sua grande maioria com resultados importantíssimos – percebemos as nossas limitações e restrições e o que nos impedia de prosseguir rumo ao progresso, enquanto membros de uma tradição.

O grande mérito dessa empreitada rumo à verdade é que em seus caminhos de transcendência é possível que aqueles que estão envolvidos nela tornem-se capazes de fornecer os recursos para compreender e explicar o que é ou era intratável e problemático na perspectiva de seus adversários e o porquê deles permanecerem incapazes de reconhecer a sua derrota.

Os adversários de uma tradição que trilha os caminhos da transcendência ainda encontram-se presos a sua perspectiva parcial e local, impossibilitados de reconhecer as suas próprias limitações e as fissuras em suas argumentações e de, muito menos, compreender as suas próprias posições do ponto de vista externo. O que nos faz reconhecer que mesmo com muito esforço ainda continuarão a existir os desacordos entre tradições, mas com a certeza de que existem recursos suficientes para a resolução racional de tais desacordos, pois *“as reivindicações rivais da verdade de tradição conflitantes de pesquisa dependem, para serem justificadas, da adequação e do poder explicativo das histórias que os recursos de cada uma delas permitem a seus adeptos escrever.”* (MACINTYRE, 1991, pág. 431).

ÁREA: CV () CHSA (X) ECET ()

Apoio: Universidade Federal do Piauí – UFPI e Programa de Educação Tutorial – PET/Filosofia.

Referências

MACINTYRE, Alasdair. *Justiça de Quem? Qual Racionalidade?* [1988] Tradução Marcelo Pimenta. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *The Tasks of Philosophy: Selected essays, volume 1.* New York, USA: Cambridge University Press, 2006.

Palavras-chave: Verdade. Justiça. Racionalidade.